

# ESCOLA, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

**JOSÉ DE ALMEIDA FERNANDES \***

*...“Porque as palavras deixaram de comunicar. Cada palavra é dita para que não se oiça outra palavra... A palavra é poeira nos olhos e olhos furados. A palavra não mostra. A palavra disfarça... Daí que seja urgente mandar as palavras para que a sementeira se mude em seara...”*

*Há também o silêncio. O silêncio por definição, é o que não se ouve. O silêncio é fecundo. O silêncio é a terra negra e fértil, o húmus do ser, a melodia calada sob a luz solar. Caem sobre ele as palavras. Todas as palavras. As palavras boas e más. O trigo e o joio. Mas só o trigo dá pão.”*

(José Saramago in “A Capital”)

A actualidade do texto de Saramago justifica algumas reflexões que os acontecimentos recentes confirmam cada vez mais agudamente.

O discurso do nosso tempo é, na realidade, um encadeamento mais ou menos lógico de palavras ditas e escritas para ocultar a lógica do discurso da vida.

---

\* *Investigador*

Cedo, o homem, no decorrer da sua evolução, descobriu que a maior conquista que fizera, a articulação da palavra, poderia servir para nada dizer ou para não dizer o que não convinha ser dito.

A comunicação, o sinal de união entre os seres humanos, cedo se transformou em sinal hierárquico de domínio por parte daqueles que usavam "sabiamente" as palavras sobre aqueles que acreditavam "inocentemente" no valor intrínseco do sinal que lhes era emitido. Os senhores da palavra passaram rapidamente a ser os senhores do poder, sobretudo aqueles que aprenderam a dizer nada, parecendo dizer tudo.

É bem conhecida a anedota do intérprete indígena que fora encarregado de traduzir ao "branco" recém-chegado o que dizia o "grande chefe da aldeia" e se mantinha calado enquanto este discursava. Intrigado com o estranho silêncio, o "branco" perguntou ao intérprete porque não traduzia a fala, ao que este respondeu que o discursante até aquela ocasião só tinha falado mas ainda não tinha dito nada.

Com o decorrer do tempo o homem soube também aperfeiçoar os mecanismos do discurso silencioso de modo a transformá-lo numa das suas armas mais valiosas, numa espécie de motor das grandes decisões, onde a ausência da palavra é mais forte que o discurso mais eloquente.

Na sociedade informacional em que nos transformámos, a informação é cada vez menos, ou deixou de o ser totalmente, comunicação e a sua estrutura parece ter deixado de ser baseada nos laços biológicos e nos sinais afectivos que unem os seus componentes para se transformar numa estrutura de "faz-de-conta" onde o que se diz raramente é o que é.

A leitura de um qualquer jornal ou a audição de um telejornal dão-nos o exemplo acabado deste faz-de-conta. A nossa vida passou a ser ordenada pelas palavras escritas e ouvidas que passam pelo crivo da peneira, da teia que é conscientemente tecida por todos os que querem um mundo onde as suas mensagens exprimam apenas os valores úteis para os mensageiros, valores esses que informarão e formarão os comportamentos que desejam adequados ao que lhes interessa.

Hoje diz-se liberdade, homens livres, direitos de cidadania, mas essas liberdades são apenas as de escolher aquilo que a máquina publicitária e o discurso político ou religioso entendem que serve para dar aos homens a sensação

de uma liberdade basicamente falsa, de uma cidadania que se exprime apenas em certos períodos, de modo a não incomodar, no resto do tempo, os possuidores do carisma oral que exprimem através da ditadura da palavra.

Consideremos, por exemplo, o discurso democrático.

Quantos sentidos e quantas práticas teve já o conteúdo da palavra democracia? Tantas quantas as formas estruturais dominantes na sociedade humana tiveram ao longo dos tempos.

Nas suas primitivas manifestações conhecidas, como na democracia ateniense, eram democratas os senhores, os cidadãos possuidores do poder centralizado na cidade. Hoje, nas democracias modernas, são "democratas" os cidadãos que estão com o poder central, seja ele central, seja ele o partido, a classe ou o sistema económico. Nada se alterou, portanto.

A distribuição do poder por todos, de um modo real, efectivo, é uma utopia igual à que se exprime pelas palavras solidariedade ou comunidade. A verdadeira democracia não é política, é uma prática quotidiana que ainda ninguém assumiu na totalidade. No entanto nunca se falou tanto em democracia e nunca se esteve tão só e tão escravo como nos dias de hoje. Solidão num mundo massificado, escravo de uma máquina palavrosa ao serviço apenas dos interesses de alguns, ou das respectivas instituições.

Solidão sem solidariedade, comunidade sem comunicação e cidadania sem cidadãos livres.

Como escreveu Saramago, é urgente mondar as palavras para que nasça a seara que dê o pão para todos. Será isso possível?

Em recente entrevista António Gedeão afirma que "na ditadura não se sabe o que se passa porque não se pode falar, enquanto que numa democracia não se sabe o que se passa porque falam todos ao mesmo tempo".

A urgência da monda é evidente mas, a erva daninha encobre de tal modo a boa planta que se torna cada vez mais difícil o seu corte sem danificar gravemente a seara.

Uma das searas gravemente atacadas por todas as espécies de ervas más, parasitas, sugadoras da seiva, ocupadoras do território indispensável ao crescimento das boas plantas, é a do Ambiente.

Não há discurso político, projecto económico, artigo de jornal, programa de televisão que não inclua objectiva ou subjectivamente uma "alta preocupação" pelo ambiente ou, a mais das vezes, pela sua metade - o "meio ambiente".

O próprio uso da palavra "meio" é já o reflexo de uma atitude inconsciente, de reserva ou de medo que evita abarcar o todo. A seara fica logo gravemente afectada à partida e diminuída na sua complexidade e potencialidade produtiva.

O uso, o abuso e o mau uso da palavra, neste caso Ambiente gera uma cacofonia sem nexos e desmotivadora. A repetição de um som é tão molesta como a desordem ou alta intensidade sonoras, pelo que quando se deseja retirar um conceito do domínio público e da consciência individual e colectiva o método é repeti-lo até à exaustão. A publicidade conhece bem este processo e o que se passa com a palavra Ambiente é paradigmático.

A "muleta" ambiente é hoje indispensável à "solidez" do discurso político, seja ele do poder ou do contra-poder. Com tal usura a seara perdeu a força que deveria ter dominada que foi pelo joio dos interesses, da mentira, da pseudo preocupação pela adequada "gestão solidária" dos bens da terra.

Quer os integristas totalitários de muitos ambientalistas, quer o laxismo disfarçado pelo invólucro dourado das directivas ambientalistas da "Comunidade" Europeia, são dois exemplos deste disfarce da palavra, como diz Saramago.

Sendo ditas deste modo, as palavras servem para ocultar as outras palavras que não convém serem pronunciadas. Dizer Ambiente é "alibi" para se não dizer, lucro desenfreado, dissipação dos recursos da Terra, incapacidade de administrar o presente e transaccionar com o futuro.

Desenvolvimento é outra das palavras que disfarçam, que deitam poeira nos olhos. Toda a obra humana é hoje orientada para o Desenvolvimento, mas de que desenvolvimento se trata? Será o acumular de técnicas, de bens, de dinheiro, de consumo, de vaidades e de desejos? Ou será o crescimento do homem, da sociedade, do respeito pelo outro, da solidariedade? É o desenvolvimento económico ou o desenvolvimento do homem e da humanidade em harmonia com a capacidade de suporte de vida do planeta em que vivemos?

Quando o Desenvolvimento se considera uma realidade quantificável significa considerar-se que numa seara, é mais importante o valor monetário do produto do que este, o joio vale assim mais do que o trigo. Mas, só o trigo dará pão e o pão é o alimento indispensável à construção do ser humano e o garante da sua felicidade como ser vivo e inteligente.

Certas "boas almas" usam e casam ou divorciam a parilha Ambiente e Desenvolvimento pois tal casamento ou divórcio, conforme os casos interessam à manutenção do "status quo" perpetuador do poder e dos valores monetários. Associados a esta opção devemos contrapor o silêncio que é a "terra negra e fértil, o húmus do ser, a melodia calada sob a luz solar" onde caem as palavras "boas" e "más", o trigo e o joio que terá de ser mondado para que aquele, alimentado pela educação, se transforme em pão, num ser Humano completo e útil.

Educação, é outra das palavras chave do discurso do poder e do contra-poder, funciona como uma panaceia universal que resolverá as asneiras que teimamos em cometer, ou que, como poeira nos olhos perpetuará o poder, cas-trando conscientemente o Homem que existe dentro de todos nós.

Para quase todos, educação é a acumulação de conhecimento que permite a sobrevivência do indivíduo no todo envolvente, sobrevivência essa que se caracteriza pela subserviência a regras mais ou menos imperiosas mas indispensáveis à manutenção da estrutura da sociedade.

Arma eleita pelo "sistema" garante a reprodução do que interessa e o desprezo pela inovação que não seja "conveniente". É pois, urgente, mondar a Educação antes que o homem vá também acompanhar o joio na lâmina da gada-nha da "ceifeira".

Cada indivíduo é herdeiro genético de qualidades, mas estas têm de ser o substrato cultivado para dar fruto.

A Educação no seu sentido etimológico, significa "conduzir para fora" (Educare), isto é dar vida às sementes da inteligência e da razão, bem nutridas pela cultura, educar é criar em liberdade, e não é escolaridade mais ideias feitas para dar origem a pseudo criaturas.

Para que as “palavras disfarcem” juntam-se às palavras certos adjectivos, e nos dias de hoje, por exemplo, à palavra “educação” junta-se o adjectivo “ambiental” e levanta-se assim a poeira conveniente.

“Descoberta” recente das estruturas oficiais educativas agita-se como bandeira, aponta-se como bóia salvadora, mas prossegue-se no conservadorismo dos interesses criados e deixa-se perecer a seara, pondo em causa o fruto criado em terra arável e bem adubada.

Mais uma vez surge a cacofonia mais potenciada. Talvez como não nos entendemos com o que queremos dizer com Educação, Ambiente e Desenvolvimento, não se moe o trigo, não se leveda a massa, não se coze o pão e não se come o alimento da vida. A sociedade é uma criação no mundo do faz-de-conta e move-se no Mar dos Interesses Imediatos e Egoístas.

No fundo tudo poderia ser bem simples! Educar, sem olhos furados conduzir para fora o homem contido em cada ser humano, potenciar os genes que fazem dele um ser à parte, criar a harmonia com a vida em toda a sua plenitude, formar homens livres, solidários e independentes.

Seremos algum dia capazes de mondar a Seara e merecer a Terra em que vivemos? Construir uma Escola para um desenvolvimento humano num ambiente são e de qualidade em que todos sejam tudo em todos e um em toda a parte?